



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CICERO SODERLÂNIO DE SOUZA LIMA

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: DESAFIOS E ATUAÇÕES DE PROFESSORES NO
ÂMBITO HOSPITALAR**

**CAJAZEIRAS-PB
2024**

CICERO SODERLÂNIO DE SOUZA LIMA

PEDAGOGIA HOSPITALAR: DESAFIOS E ATUAÇÕES DE PROFESSORES NO
ÂMBITO HOSPITALAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Unidade Acadêmica de Educação, do
Centro de Formação de Professores, da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito para conclusão do curso de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rozilene Lopes de
Sousa Alves

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L732p Lima, Cícero Soderlânio de Souza.
Pedagogia hospitalar: desafios e atuações de professores no âmbito hospitalar / Cícero Soderlânio de Souza Lima. – Cajazeiras, 2024.
54f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.

1. Pedagogia hospitalar. 2. Instituição hospitalar. 3. Professores - âmbito hospitalar. 4. Pedagogo - espaços não escolares. 5. Formação de professor - atuação hospitalais. I. Alves, Rozilene Lopes de Sousa. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.013: 614.21

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

CICERO SODERLÂNIO DE SOUZA LIMA

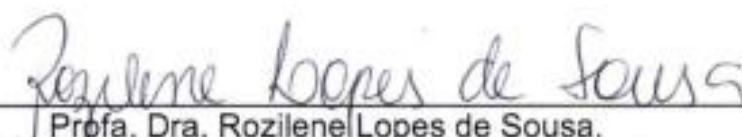
**PEDAGOGIA HOSPITALAR: DESAFIOS E ATUAÇÕES DE PROFESSORES NO
ÂMBITO HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Unidade Acadêmica de Educação, do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande
como requisito para conclusão do curso de
Licenciatura em Pedagogia.

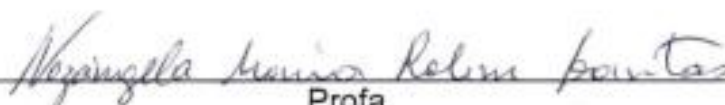
Orientadora: Prof.^a Dra. Rozilene Lopes de
Sousa Alves.

TCC aprovado em 21/11/2024

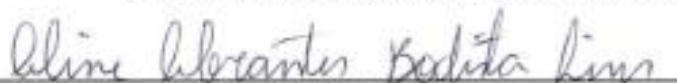
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Rozilene Lopes de Sousa.
Orientadora- UAE-CFP-UFCG



Prof.ª.
Examinadora Titular- UAE/CFP/UFCG



Prof.ª Dra.
Examinadora Titular-UAE/CFP/UFCG

Prof.ª Dra.
Examinadora Suplente-UAE/CFP/UFCG

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a minha família, a minha amiga, a todos que me ajudaram direta e indiretamente, como forma de gratidão, por cada ensinamentos nesta grande etapa da minha vida. Gratidão a todos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ele me conceder o dom da vida, para que eu possa estar realizando sonhos como este. Dando-me força e coragem para enfrentar os obstáculos encontradas durante a minha jornada. Gratidão por tudo.

A minha família, que é a minha base, minha inspiração. Minha força vem do meu alicerce, sem eles eu nada seria.

Aos mestres da UFCG, *campus* Cajazeiras – PB que serviram de base na minha aprendizagem, se tornando referências para a minha vida profissional e pessoal.

A minha querida orientadora Rozilene Lopes por ser inspiração, por me conceder grandes ensinamentos que carregarei comigo para sempre. Gratidão por todo o carinho e orientação.

A minha grande amiga Lilian Maisa, por ser um ser de luz na minha vida. Serei eternamente grato por cada palavra, cada ensinamento. Tu foste essencial nessa grande etapa da minha formação.

Enfim, a todos que direta e indiretamente contribuíram nesse processo de conhecimento, sem a ajuda de vocês eu não teria conseguido finalizar essa etapa da minha formação.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de pedagogia trata da pedagogia hospitalar: desafios e atuações de professores no âmbito hospitalar. Tem como objetivo geral: compreender a importância do pedagogo na instituição hospitalar, com acolhimento e aprendizagem a crianças hospitalizadas. Para isso traçamos os seguintes objetivos específicos: compreender a formação docente e atuação do pedagogo em espaços não escolares, apresentar a formação do pedagogo hospitalizado e possibilidades de trabalho com a família e a instituição, visando desenvolver uma melhor aprendizagem através da coletividade. Através da metodologia nos possibilitou compreender a importância do profissional pedagogo na instituição hospitalar, sendo caracterizada por uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, tendo como fonte o repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação (BDTD), através da coleta de dados. Buscando um embasamento teórico, a presente pesquisa conta com a presença autores como: Tardif (2002), Silva; Andrade (2013), Almeida (1995), Fontes (2008), Santos e Navarro (2012), Matos; Mugiatti (2006), Freire (1996), Fonseca (1999), Teixeira (2014), dentre outros que proporcionaram um olhar mais aprofundado sobre a pedagogia na instituição hospitalar. A partir da análise de dados nos permitiu compreender a importância do pedagogo no âmbito hospitalar. A partir desse trabalho é possível compreender a importância da pedagogia dentro do âmbito hospitalar, dos profissionais que atuam diariamente com o intuito de dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem da criança enferma.

Palavras-chave: Pedagogia; Instituição Hospitalar; Professor.

ABSTRACT

This pedagogy course conclusion work deals with hospital pedagogy: challenges and actions of teachers in the hospital environment. Its general objective was: to understand the importance of the pedagogue in the hospital institution, with the reception and learning of hospitalized children and with specific objectives to understand the teacher training and the pedagogue's performance in non-school spaces, to present the training of the hospitalized pedagogue and possibilities of working with the family and the institution, aiming to develop better learning through the collective. Through the methodology we made it possible to understand the importance of the professional pedagogue in the hospital institution, being characterized by a bibliographic and qualitative research, having as source the repository of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), through data collection. Seeking a theoretical basis, this research counts on the presence of great authors, such as: Tardif (2002), Silva; Andrade (2013), Almeida (1995), Fontes (2008), Santos and Navarro (2012), Matos; Mugiatti (2006), Freire (1996), Fonseca (1999), Teixeira (2014), among other authors who provided a more in-depth look at pedagogy in the hospital institution. Data analysis allowed us to understand the importance of teaching in the hospital environment. From this work it is possible to understand the importance of pedagogy within the hospital environment, of professionals who work daily with the aim of continuing the teaching/learning process for sick children.

Keywords: Pedagogy; Hospital Institution; Teacher.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Henri Sellier	15
Figura 2 – Projeto brincando no hospital	20
Figura 3 – Ludicidade no ambiente hospitalar	23
Figura 4 – Interfaces do atendimento pedagógico	35

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CNE	Conselho Nacional de Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LBDEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 COMPREENDER A FORMAÇÃO DOCENTE E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES	14
3 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NO AMBIENTE HOSPITALAR	17
3. 1 O BRINCAR NO ÂMBITO HOSPITALAR PARA O ALUNO HOSPITALIZADO.....	20
4 POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM A FAMÍLIA E A INSTITUIÇÃO, VISANDO DESENVOLVER UMA MELHOR APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA COLETIVIDADE	23
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	25
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	26
5.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	26
6 ANÁLISE DOS DADOS.....	27
6.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	27
6. 2 CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO NO ÂMBITO HOSPITALAR.....	36
6. 3 A FORMAÇÃO DOCENTE	37
6. 4 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR	42
6.5 O AMBIENTE HOSPITALAR.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A educação como é um direito de todos e dever do estado, garantido pelo estado, conforme o Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, assegurando a educação a todos seja em espaços escolares, como também não escolares. Sendo assim, este presente trabalho tem como tema “Pedagogia Hospitalar: desafios e atuações de professores no âmbito hospitalar”.

Apresentando os desafios diante a instituição hospitalar. É importante ressaltar que essa necessidade de um profissional da educação no contexto hospitalar se deu a partir das consequências da Segunda Guerra Mundial, que ocasionou em muitas crianças problemas físicos, emocionais e doenças contagiosas, impossibilitando-as de irem à escola, interferindo, assim, no processo de ensino aprendizagem da criança. Visando todo esse contexto Henri Sellier criou em 1935 a primeira escola inadaptada, buscando atender as necessidades educativas das crianças hospitalizadas.

Partindo desse propósito, o referido trabalho tem como problemática a formação do educador para atuar em um ambiente não escolar, quais meios, estratégias trabalhar, visando todo o contexto que a criança hospitalizada se encontra.

O objetivo geral do trabalho está em compreender a importância do pedagogo na instituição hospitalar, com acolhimento e aprendizagem a crianças hospitalizadas. E como objetivos específicos, discutir a formação docente e atuação do pedagogo em espaços não escolares; apresentar a formação do pedagogo no âmbito hospitalar; e debater o papel da família e da instituição, visando desenvolver uma melhor aprendizagem através da coletividade.

Essa temática surge como o propósito de analisar todo o contexto envolvendo a figura do pedagogo, a instituição hospitalar e a criança, e a família da criança hospitalizada. Ou seja, são contextos totalmente diferentes, mas, que por motivos maiores passam a atuarem juntos com o mesmo objetivo, dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem da criança enferma. É preciso ter uma parceria entre instituição, família e professor. Pois, é uma corrente onde tem início e fim, partindo da figura do professor que será o elo entre a criança e a instituição hospitalar.

Diante disso, justificamos que essa temática foi escolhida a partir do desejo de refletirmos acerca da importância do professor no âmbito hospitalar, e dos desafios desse profissional atuando em um novo ambiente totalmente diferente da instituição escolar. Então, o foco central dessa temática é buscar entender a importância deste

profissional dentro do âmbito hospitalar, quais desafios este profissional encontrará pela frente, como este profissional irá atuar no hospital, quais as metodologias usar para dar continuidade ao processo de aprendizagem da criança hospitalizada.

Sabemos do grande desafio que o profissional pedagogo enfrentará para se adaptar a esse novo ambiente de trabalho. Pois, a sua formação está voltada somente para a sala de aula. Mas, com todas as necessidades surgindo, buscou-se ampliar esse espaço do professor para além da sala de aula. Houve a necessidade deste profissional em espaços não escolares, com o intuito de dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem da criança. Uma vez que a constituição brasileira reconhece e assegura todo e qualquer direito voltado a criança, no âmbito escolar e além dos muros da escola.

Com o grande número de crianças e adolescentes internadas no âmbito hospitalar, criou-se um engajamento principalmente por parte dos médicos, pois os hospitais necessitavam do apoio dos profissionais da educação. Com isso, vários países seguiram o modelo de Henri Sallier por toda a Europa e demais países, com o intuito de suprir as dificuldades escolares de crianças impossibilitadas de estarem na sala de aula.

Deste modo esse presente trabalho conta com a presença de alguns autores para embasar teoricamente esta pesquisa, temos as contribuições dos seguintes autores: Esteves (2008), Libâneo (2000), Tardif (2002), Silva; Andrade (2013), Almeida (1995), Fontes (2008), Santos e Navarro (2012), Matos e Mugiatti (2006) e demais autores.

Encontra-se organizado em seções com títulos e subtítulos. A primeira seção é a introdução, na qual destacamos a importância do profissional pedagogo no âmbito hospitalar. Ressaltamos também a problemática desta temática, os objetivos gerais e específicos que iremos conduzir.

Na segunda seção, buscamos compreender a formação docente do professor no âmbito hospitalar, também a sua atuação na instituição não escolar. Sabemos do grande desafio do professor atuando fora do seu ambiente; por isso, é preciso de uma capacitação que vá além do âmbito escolar. A pedagogia hospitalar surge a partir da necessidade de suprir a falta de um profissional voltado para esse âmbito, pois como já foi dito anteriormente essa necessidade se deu a partir da Segunda Guerra Mundial, que deixou milhares de crianças impossibilitadas de irem à escola por sérios problemas de saúde. Sendo assim houve necessidade de um profissional no hospital,

para dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem do aluno (a). Destaca-se nessa seção alguns autores que embasam essa temática, trazendo um grande enriquecimento de conhecimentos acerca da formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares.

Na terceira seção, refletimos a formação do pedagogo no âmbito hospitalar, tendo como foco compreender a formação em si deste profissional no hospital. Quais meios, habilidades e estratégias são usadas no âmbito hospitalar.

Na quarta seção, procuramos entender como a relação entre a família, e o pedagogo, dentro da instituição hospitalar podem contribuir para o processo de ensino/aprendizagem da criança enferma. Qual o vínculo entre a família e o pedagogo no âmbito hospitalar. Nela também buscamos responder a essas questões de grande importância na construção da aprendizagem da criança hospitalizada. É preciso existir no âmbito hospitalar essa relação, criar um vínculo, priorizando a aprendizagem do aluno (a) e visando o bem-estar da criança.

2 COMPREENDER A FORMAÇÃO DOCENTE E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

A Constituição Federal brasileira como já sabemos reconhece todo e qualquer direito voltado a criança seja no âmbito escolar, como também para além do espaço escolar. A educação está presente em todo e qualquer lugar, pois o ato de ensinar e de aprender está presente no dia a dia, seja na escola ou além dos muros dela. Sendo assim, a educação assume um papel preponderante voltado para as ações de ensino, seja formais e não formais.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o seu único praticante (LIBÂNEO, 2002, p. 26).

A educação é um processo de aprendizagem que está presente no dia a dia das pessoas, ela acontece naturalmente, sem precisar estar dentro do contexto escolar. Libâneo ressalta que “ninguém escapa da educação”, pois a educação está interligada ao contexto em que estamos inseridos, seja de forma direta ou indireta. É importante ressaltar que a sociedade está em constante mudança, exigindo da educação transformações, abrindo espaços para novos olhares voltados para o processo de aprendizagem.

A partir de todas essas ponderações, surge a classe hospitalar, denominada pelo MEC (Ministério da Educação), com o intuito de buscar atender essas crianças, que por razões de saúde, se encontram impossibilitadas de irem à instituição escolar.

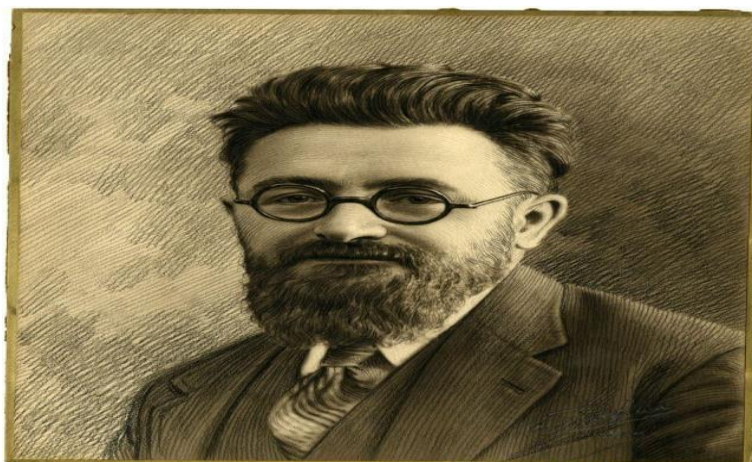
Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. 2. Atendimento pedagógico domiciliar é o atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade (BRASIL, 2002).

É importante ressaltar que a pedagogia teve os seus primeiros passos traçados no ambiente hospitalar no ano de 1935, após a Segunda Guerra Mundial, deixando

milhares de crianças e adolescentes vitimadas. Impossibilitadas de se locomoverem a escola, por sérios problemas de saúde.

A Classe Hospitalar tem seu início em 1935, quando Henri Sellier inaugura a primeira escola para crianças inadaptadas, nos arredores de Paris. Seu exemplo foi seguido na Alemanha, em toda a França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir, as dificuldades escolares de crianças tuberculosas (ESTEVES, 2008, p. 02).

Figura 1 – Henri Sellier



Fonte:

Henri Sellier foi o grande precursor da educação hospitalar durante a Segunda Guerra Mundial, pois a guerra deixou muitas crianças e adolescentes feridas, originando uma grande preocupação. O número de crianças impossibilitadas, com diversas doenças era grande. A partir disso surge Henri Sellier inaugura a primeira escola hospitalar. O seu trabalho serviu de modelo para os demais países, com isso a presença do professor dentro o âmbito hospitalar foi ganhando espaço e forma até hoje.

No Brasil a Pedagogia Hospitalar tem os seus primeiros traços marcados por volta da década de 1950, no Rio de Janeiro no Hospital Escola Menino Jesus permanecendo até os dias atuais (SANTOS; NAVARRO, 2012). A partir disso o trabalho do profissional pedagogo se tornou um desafio, pois até o momento o professor era visto somente dentro da instituição escolar. Ainda nos dias atuais, o profissional pedagogo vem buscando ampliar esse espaço cada vez mais. pois a pedagogia hospitalar é um novo modelo de educação, que tem como objetivo dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem da criança durante o período em que a criança se encontra hospitalizada.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBDEN n.º 9.394/96) “toda criança ou jovem disponha de todas as chances quanto possíveis para que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam interrompidos” (BRASIL, 1996).

De acordo com Matos e Mugiatti:

A Pedagogia hospitalar busca modificar situações e atitudes junto ao enfermo, as quais não podem ser confundidas com o atendimento à sua enfermidade. Além disso, deve haver um cuidado especial no desenvolvimento das atividades, a fim de que não venha interferir no processo terapêutico da equipe de saúde. Este tem como objetivo, o efetivo envolvimento do doente, na busca de uma modificação no ambiente em que está envolvido. Em todo caso, esta relação concreta que se estabelece é de grande utilidade para a equipe e passa a se constituir em fator positivo para o bom êxito do trabalho em ação (MATOS; MUGIATTI, 2006, p. 104-105).

A pedagogia hospitalar surge com o propósito de dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem da criança, pois, em momento algum a internação impedirá à criança de ter esse contato com o processo de aprendizagem na instituição hospitalar. Essa nova pedagogia surge com novas mudanças, novos rumos, novos desafios, criando espaços para inserir novos profissionais nesse novo ambiente. Para Saviani (2012) a pedagogia se correlaciona à educação ao longo da história ocidental, entendendo-se como uma forma de aprender e ensinar.

Para Santos e Navarro (2012, p.12):

A pedagogia hospitalar é vista como um novo caminho no processo educativo, que vem expandindo-se pelo Brasil e conquistando seus ideais, propondo novos desafios aos educadores e colaborando na construção de novos conhecimentos e novas atitudes, que busca oferecer assessoria e atendimento emocional tanto para o aluno/adolescente enfermo quanto para os pais.

3 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NO AMBIENTE HOSPITALAR

De acordo com Garcia (1999) a formação de professores deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente (GARCIA, 1999, p. 54). A atuação do profissional pedagogo está internamente ligada aos seus saberes, no seu agir com o educando. Ressalta Tardif (2002), que os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, e são também, ao mesmo tempo, os saberes dele (TARDIF, 2002, p. 16).

Cabe ao profissional pedagogo inovar na sua forma de atuação, desenvolvendo a criatividade, a interação. De acordo com Esteves, o profissional para atuar nessa área deverá ser capaz de elaborar projetos que integrem aprendizagem de uma maneira diferenciada para cada criança hospitalizada, padrões estes que fogem da educação formal.

O pedagogo deve estar apto para desenvolver seu trabalho, a realização de projetos e pesquisas que possam favorecer desenvolvimento em seu conhecimento e na complementação pedagógica qualificando seu trabalho, pois o professor deve ser mais que um professor. Deve ser um cientista, psicólogo e médico. Portanto, o pedagogo hospitalar tende a oferecer a criança hospitalizada a valorização de seus direitos à educação e à saúde, possibilitando um espaço na sociedade e na formação de um futuro cidadão (SANTOS; NAVARRO, 2012, P.12).

Ainda de acordo com Santos e Navarro (2012):

O Pedagogo Hospitalar deve buscar em si próprio o verdadeiro sentido de educar, deve ser um exemplo vivo dos seus ensinamentos, deve ser sábio e capaz de fortalecer a criança independentemente de qualquer situação, não só a criança, mas também toda família, deve converter suas profissões numa atividade de cooperação do engrandecimento da vida. Esse é um trabalho de companheirismo e relações afetivas entre o educador e o paciente, contribuindo com formas e maneiras de incentivo para que o aluno não desista de lutar pela saúde mantenha-se forte e esperançoso em sua capacidade de recuperação (SANTOS; NAVARRO, 2012, p. 10).

O professor deve ser um estimulador para a criança hospitalizada, deve criar formas, estratégias para que o aluno não desista do seu processo de ensino/aprendizagem. O profissional pedagogo tem que entender que o aluno que está dentro o ambiente hospitalar não é o mesmo da sala de aula, pois, além da criança estar em falta no seu processo de aprendizagem, ela também está passando

por um problema de saúde. Cabe ao pedagogo tornar a instituição hospitalar um ambiente agradável para este aluno (a), com a família e a referida instituição. É preciso ter esse trabalho voltado para o coletivo, pois ter o apoio da família nesse momento de internação, é de suma importância para dar continuidade ao processo de aprendizagem.

De acordo com FONSECA (2003).

O professor de escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (até mesmo emocionais) delas decorrentes para as crianças e também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital (FONSECA,2003,p.25).

A instituição hospitalar é um ambiente com funcionamento de 24 horas, com o intuito de proporcionar a sociedade todo tipo de assistência médica. Seja preventiva, curativa e integral. A partir da década de 1935 a instituição hospitalar abre um novo espaço voltado para o processo de aprendizagem a crianças enfermas impossibilitadas de irem à escola, ocasionadas por algum um problema de saúde. De acordo com Silva (2013), o hospital é um espaço de reabilitação da saúde e educativo, e a união entre educar na perspectiva do aprender e brincar atende às necessidades da criança de forma completa, garantindo o seu direito também no hospital (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 95). Torna-se um processo novo para a criança, pois é um ambiente totalmente diferente da sua realidade, causando na criança diversos sentimentos. Por isso, cabe ao profissional pedagogo criar uma nova rotina, com o intuito de que a criança não se distancie do processo de aprendizagem.

De acordo com Fontes (2008):

A hospitalização distancia a criança de suas atividades cotidianas, podendo contribuir para seu maior adoecimento. Enquanto ser humano em contínuo processo de desenvolvimento, este fator pode prejudicar a criança na construção de sua subjetividade. A própria doença debilita e causa sofrimento ao impedir a criança de se movimentar e desempenhar as tarefas diárias, afetando sua autoestima. Isso pode fazer com que a criança se entregue aos sintomas da enfermidade, alimentando seu sentimento de impotência diante da dor, o que dificulta sua recuperação (FONTES, 2008, p. 73).

Diversos fatores contribuem afetando a recuperação da criança, pois além dela está passando por um problema de saúde, também se encontra em falta, nos seus

processos de aprendizagem. Tudo isso vai influenciando o emocional da criança, causando diversos sentimentos seja impotência ou incapacidade. Surge, então, a figura do pedagogo com intuito de dar vida a esse ambiente para a criança, pois, este profissional tem o papel de inovar, tornando o ambiente hospitalar agradável, acolhedor, um local de lazer para o educando.

O pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações (LIBÂNEO, 2000, p. 44). A atuação desse profissional na instituição hospitalar vem ganhando espaço no dia a dia, pois, é uma área que o professor ainda tem uma grande dificuldade em se adaptar. Pois, este profissional tem que se reinventar nesse novo ambiente de trabalho. Esse pedagogo tem o objetivo de transformar o âmbito hospitalar, em um novo ambiente voltado para o bem-estar da criança enferma. Pois, a criança está passando por um problema de saúde. Cabe a ele mudar esse ambiente durante o processo de tratamento da criança, tornando um lugar onde a criança não distancie do seu processo de aprendizagem.

O pedagogo será o suporte que a criança irá necessitar durante o processo de internação. O professor como mediador do processo de ensino e de aprendizagem precisa compreender que ele deve se adaptar aos novos métodos educacionais (LOPES, 2001).

Uma visão de totalidade em atender às especificidades de cada criança e adolescente, seu tempo no hospital, sua possibilidade de aprender e o horário próprio para a escolarização. Neste sentido, os alunos hospitalizados precisam ser vistos como um todo, com emoções, sentimentos, com seus próprios valores e com suas possibilidades. Outro ponto importante que exige o equilíbrio do educador focaliza-se na ideia de que a aprendizagem não pode ser mais essencial que sua saúde. Portanto, cada momento precisa ser avaliado pela professora e pelo corpo clínico para que a atuação da docência não intervenha em momentos inadequados para cada aluno hospitalizado (BEHRENS, 2010, p. 15-16).

O professor tem o papel de se avaliador do educando em todos os contextos, seja através das emoções, seja de incapacidade, dentre outras. Diversos fatores que iram contribuir para o profissional pedagogo saber lidar de forma direta e indireta. O pedagogo hospitalar deve ter conhecimentos e habilidades essenciais para trabalhar com atividades que atendam por meio de equipes de multiprofissionais, visando o melhor atendimento humanizado que proporciona uma educação afetiva e interacional (JESUS, 2010).

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (até mesmo emocionais) delas decorrentes para as crianças e também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital (FONSECA, 2003, p.25).

O ideal é que cada professor busque novas estratégias que inclua todas as circunstâncias que determinadas crianças se encontram.

3. 1 O BRINCAR NO ÂMBITO HOSPITALAR PARA O ALUNO HOSPITALIZADO

Figura 2 – Projeto brincando no hospital



Fonte: Universidade Comunitária da Região de Chapecó

De acordo com Almeida (1995) “o ato de brincar, jogar e interagir com os outros, utilizar essas ações nas estratégias pedagógicas, é extremamente relevante para o processo de ensino e aprendizagem”. O uso da ludicidade é de suma importância seja no âmbito escolar, como também em outros contextos que envolva a educação. Pois, o brincar desenvolve na criança a liberdade e a alegria, fazendo com que a criança esqueça o ambiente que ela se encontra.

Almeida (1995) ainda destaca que

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente. [...] A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 1995, p. 41).

Trabalhar o lúdico com a criança hospitalizada é uma forma de fazer com que a criança esqueça o ambiente que ela se encontra, é buscar formas através do brincar, com o intuito de contribuir para o crescimento da aprendizagem da criança. É dar vida ao ambiente que ela se encontra, seja por meio de uma música, dinâmicas, jogos, com objetivo de garantir a permanência da criança no seu processo de aprendizagem. O profissional deve buscar estratégias voltadas para a aprendizagem dentro do hospital, com inovações, utilizando o lúdico como ferramenta imprescindível dentro desse contexto. O educador deve ter em mente que ele está ali para ser mais que professor, ele será o incentivo que o aluno tanto precisa para não desistir do seu processo de aprendizagem. O professor deve trazer a alegria, o amor, através da ludicidade.

[...] o brincar é fundamental para o nosso desenvolvimento. É a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência (repouso, alimentação, etc.). Todas as crianças brincam se não estão cansadas, doentes ou impedidas (OMACEDO; PETTY; PASSOS, 2005, p. 13).

Trabalhar o lúdico no dia a dia seja no âmbito escolar, como também em espaços não escolares, no caso da instituição hospitalar se tornou de suma importância, pois o brincar transforma todo e qualquer ser humano. O brincar é atividade séria e essencial ao equilíbrio emocional e social do ser humano em todas as idades. Além disso, a brincadeira auxilia na recuperação da saúde física e intervém no desenvolvimento intelectual. As brincadeiras que envolvem jogos, danças e outras atividades lúdicas permitem que as crianças e os adolescentes se socializem e projetem as suas representações, suas angústias, suas alegrias, suas preferências. Podem, inclusive, auxiliar na composição do diagnóstico do quadro clínico em geral (BEHRENS, 2010, p. 16-17).

O brincar no hospital passa a ser uma forma de garantir que a criança hospitalizada tenha seu direito concretizador, uma vez que se encontra num espaço diferente do vivido cotidianamente e tem uma parte de sua vida interrompida, como a escolarização, as amizades, o lar, seus brinquedos etc. Isso contribuirá para que a criança continue a desenvolver-se plenamente, concluindo as etapas da vida sem nenhum prejuízo (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 29).

A ato de brincar desenvolve na criança a liberdade de viver, pois trabalhar a ludicidade no ambiente hospitalar é de suma importância para a reconstrução da saúde da criança enferma. E o profissional tem o papel de trabalhar com a criança o

lúdico, onde envolva jogos, músicas, desenvolvendo assim emoções em cada criança, seja de alegria, angústia, dentro o seu dia a dia. O brincar é uma excelente estratégia pedagógica no atendimento à criança hospitalizada, pois “[...] a brincadeira é a oportunidade de quem dirige a atividade de captar as reações e interpretações do que pode estar afetando ou contribuindo para o conforto e bem-estar do internado [...]” (PAULA; LIMA; BOYEN; SCHOOR, 2010, p. 144).

A internação pode causar uma série de fatores negativos para a vida da criança enferma, seja social, como também escolar. O ambiente hospitalar é o primeiro fator a causar na criança, medo, insegurança, pois é um ambiente novo, totalmente diferente, jamais vivenciado por ela. O afastamento, a separação da família, dos amigos, dos colegas da escola. Tudo isso acarretará uma má adaptação da criança no âmbito hospitalar. Portanto, o pedagogo deve ter em mente todos os contextos que envolve a criança hospitalizada. E quais meios trabalhar para desenvolver um melhor tratamento, com o apoio da família. Pois, nesse momento é crucial a presença contínua da família junto, apoiando a criança enferma.

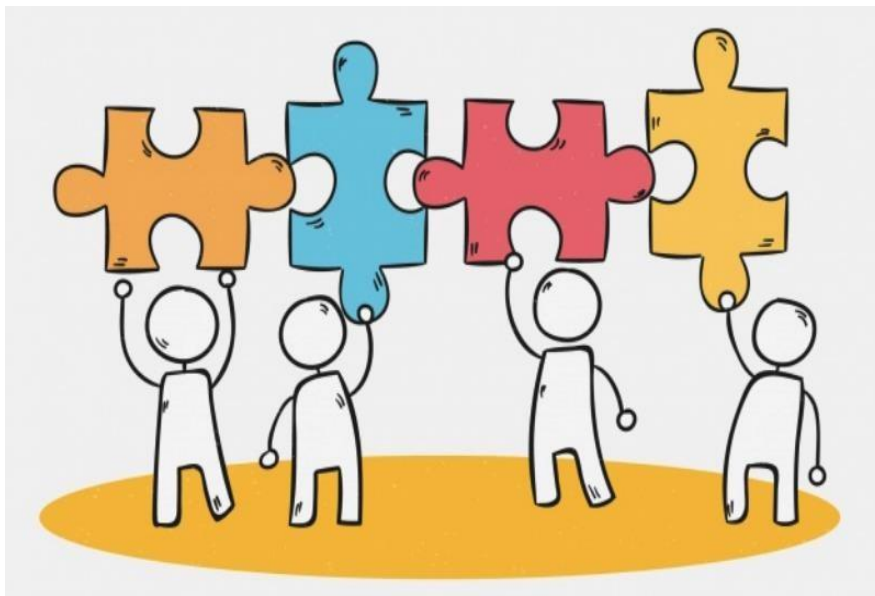
O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (até mesmo emocionais) delas decorrentes para as crianças e também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital (FONSECA, 2003, p. 25).

O professor é, antes de tudo, o intermediário. É o profissional pedagogo que irá criar caminhos que interligue a criança enferma a instituição hospitalar. Traçar meios, formas, criando um ambiente voltado para o bem-estar da criança hospitalizada. O ambiente hospitalar tem o mesmo objetivo que a referida instituição escolar. Dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem do aluno.

A criança hospitalizada frequentemente está inquieta, ansiosa. Padece da doença, mas também da separação da família. A chegada a um ambiente novo é, sem dúvida, aterradora. Tem às vezes uma vaga ideia dos motivos de sua internação. Quanto mais nova maior sua dificuldade em compreender “seu abandono” pelo país. Sem a noção de tempo, não entende que sua estadia tem duração. Para ela o que não acontece imediatamente, jamais ocorrerá (LINDQUIST, 1993, p. 24).

4 POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM A FAMÍLIA E A INSTITUIÇÃO, VISANDO DESENVOLVER UMA MELHOR APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA COLETIVIDADE

Figura 3 – Ludicidade no ambiente hospitalar



Fonte: <https://br.freepik.com/>

A pedagogia hospitalar surge com a proposta de contribuir para a inclusão social e escolar, considerando ainda como um novo espaço que está em fase de construção. A figura do professor no âmbito hospitalar está sendo construída. O professor não deve ir para o hospital, se antes ele não desenvolver tal habilidade e competência para enfrentar os desafios encontrados na criança internada. É preciso entender também que o professor é um aprendiz, ele está ali para repassar tal conhecimento e adquirir conhecimento. É uma troca de saberes. Por isso, é preciso existir um trabalho voltado pela coletividade, pois, todos têm o mesmo propósito seja o profissional pedagogo, a família e a instituição hospitalar, visando uma melhor qualidade de saúde e buscando desenvolver a sua aprendizagem com a criança enferma.

A criança hospitalizada precisa de um atendimento de qualidade que se estabeleça em um processo de internação e colaboração entre os profissionais da saúde e da educação, em que a comunicação entre “[...] docentes/profissionais de saúde e criança hospitalizada/sua família, estar-se-á facilitar o planejamento de uma intervenção pedagógica que deverá considerar a diversidade cultural, social, étnica,

sexual e religiosa, dos contextos da criança e a sua situação de saúde” Leal; Dias; Carreira (2014, p. 155).

Seguindo esse raciocínio Moraes (2013) ressalta:

Não basta apenas que exista um bom tratamento da equipe de saúde para com o usuário, mas que entre os profissionais que ali trabalham haja um espírito de colaboração e de harmonia a fim de que o trabalho realizado no hospital favoreça a troca de conhecimento e de experiências profissionais (MORAIS, 2013, p. 26684).

Quando se trabalham no coletivo, torna todo e qualquer ambiente saudável, não existe cansaço, estresse. E preciso haver harmonia entre os responsáveis, principalmente quando se trata de uma criança hospitalizada. Quando existe esse espírito de colaboração, harmonia e principalmente de humanização, Silva; Andrade (2013) chama a atenção para o paciente hospitalizado:

[...] passa a ser construtor de sua realidade, intervindo a sua saúde junto com a equipe médica de forma ativa e consciente. Esta reação torna sua estadia no hospital de curto prazo, pois, já é comprovado que quando o hospitalizado intervém junto a equipe médica em seu tratamento, sua autoestima é elevada e suas emoções equilibradas, agindo positivamente no melhoramento da saúde do mesmo (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 41).

Assim, “humanizar caracteriza-se em colocar a cabeça e o coração na tarefa a ser desenvolvida, entregar-se de maneira sincera e leal ao outro e saber ouvir com ciência e paciência as palavras e o silêncio” Jesus (2010, p. 84) *apud* Oliveira (2001, p. 104). A função do profissional pedagogo vai além de dar continuidade ao processo de aprendizagem da criança.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste presente capítulo será descrito todos os procedimentos que embasaram a presente pesquisa, contendo recursos metodológicos que desencadeará a pesquisa. Segundo Foucault (1990), pesquisar é um desafio marcado por questionamentos e insegurança, que nos permite pensar a nossa história e, ao pensá-la, podemos nos transformar, pois a pesquisa possibilita ao pesquisador “liberar seu pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente até o permite pensar diferentemente”. A presente pesquisa se deu a partir do interesse, da curiosidade em buscar entender qual o objetivo do professor no âmbito hospitalar, como este profissional trabalha na instituição hospitalar. São perguntas que no decorrer da pesquisa serão debatidas, questionadas e solucionadas.

De acordo com Bujes (2007):

[...] a pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação à crença que, em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui na inquietação (BUJES, 2007, p. 15-16).

A pesquisa científica oferece os recursos necessários ao entendimento de determinados assuntos pesquisados, influenciando o leitor através da sistematização de ideias e questionamentos, os quais nos possibilitam refletir criticamente e alcançar resultados satisfatórios acerca de determinadas temáticas, as quais temos a necessidade de estudar. Através desta pesquisa ampliamos os nossos conhecimentos, transformando-os em científico, pois já não mais representa um conhecimento transmitido sem fundamentação, e sim um dado comprovado por teóricos que estudam, analisam e buscam comprovações concretas a respeito do que escrevem.

Nesse sentido, pesquisas científicas surgem a partir de questionamentos feitos pelos homens, mediante as suas relações sócio-históricas. Para isso, os pesquisadores fazem uso de um conjunto de técnicas e procedimentos metodológicos sistematicamente organizados para responder às hipóteses levantadas e realizar testagens, no fito de concluir uma resposta à sua problemática que beneficie a sociedade e contribua para com a ciência, como concorda Gil (1987, p. 19): “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos.”

O delineamento dessa pesquisa inicialmente se deu de forma exploratória, ao buscarmos materiais bibliográficos necessários para levantar informações da Pedagogia hospitalar, ajudando a formular as hipóteses e os objetivos de estudo.

Além disso, a pesquisa também se configura como descritiva, no ato de se observar, analisar, descrever e se considerar os fatos observados durante a coleta de dados.

Gil (1987) diz que apesar de ambas as formas de delineamento da pesquisa serem diferentes, podem estar presentes em um mesmo estudo, com intuito de compreender melhor o objeto. Com isso, caracterizamos a pesquisa como exploratória por dar possibilidade de descrever fatos e fenômenos que envolvem o objeto de pesquisa, e a descritiva por explorar e descrever os significados obtidos pela coleta de dados.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como base trabalhos científicos escritos sobre a pedagogia hospitalar, atuações e desafios de professores no âmbito hospitalar, indo ao encontro do objetivo da pesquisa que é compreender a importância do pedagogo na instituição hospitalar, com acolhimento e aprendizagem a crianças hospitalizadas.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, buscando entender e analisar quais os desafios encontrados sobre a atuação do pedagogo na instituição hospitalar.

De acordo com Tozoni-Reis, a pesquisa é uma das mais importantes atividades das instituições universitárias brasileiras. Pode-se afirmar que essa atividade se constitui na principal função social do ensino superior, de uma maneira geral (REIS, 2009).

Segundo Boccato (2016), a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A elaboração da presente análise avançou conforme os dados coletados com os autores como: Rescia (2019), Silveira (2008), Wolf (2017), Fonseca (1999), Freire (1996), Fontes (2008), Vasconcelos (2006) e demais autores. Dialogando acerca da importância do pedagogo no âmbito hospitalar, e quais as habilidades do professor na instituição nãoescolar.

6.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR

A pedagogia hospitalar começa a dar os seus primeiros passos a partir do século XX, pois essa época foi a década marcada por conflitos, provocando, assim, grandes inovações, em diversos fatores, envolvendo contextos sociais, econômicos, políticos e principalmente o educacional e pedagógico. De acordo com Cambi (1999) a prática educativa do século XX volta-se para o indivíduo, colocando como protagonistas a criança, a mulher e a pessoa com deficiência, renovando as instituições formativas, dando vida a um processo de socialização dessas práticas. Então essa nova teoria começou a se fortalecer. Começa a ter novos olhares para educação em si, a pensar em uma nova educação pedagógica.

Seguindo essa concepção, visando a figura da criança, Oliveira (2013) destaca que as pesquisas sobre as Classes Hospitalares revelam que nas décadas iniciais do século XX surgiam na Europa os primeiros sinais de atividades educacionais dentro do hospital. É de suma importância ressaltar também que a Segunda Guerra Mundial contribuiu fortemente para as atividades no âmbito hospitalar, pois o seu cenário deixou um grande número de crianças e adolescentes impossibilitados de ir à escola, pois a guerra infelizmente vitimou e deixou crianças e adolescentes mutilados e também com grandes problemas de saúde. Com os hospitais no seu limite máximo, se deu um grande engajamento por parte dos médicos, solicitando urgentemente o movimento de atividades escolares na instituição hospitalar.

Com todo esse cenário acontecendo, surge em 1935 Henri Sellier inaugura nos arredores de Paris a primeira escola para crianças inadaptadas, seu exemplo foi seguido em toda a França, na Alemanha, na Europa e nos Estados Unidos, visando suprir as dificuldades escolares de crianças com tuberculose, moléstia grandemente contagiosa e fatal à época Vasconcelos (2006).

De acordo com Fonseca (1999) no Brasil a trajetória das práticas educacionais em hospitais na década de 1950 se torna mais sistematizada no Hospital Municipal de Jesus (hospital público infantil), no Rio de Janeiro, que iniciou oficialmente as suas atividades em 14 de agosto de 1950. salientamos que a classe hospitalar só passa a ser oficialmente reconhecida décadas depois pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1999. Após o seu reconhecimento a pedagogia hospitalar passa ser primordial no âmbito hospitalar, dando continuidade ao processo de ensino/aprendizagem, sendo reconhecida como uma educação especial, elaborando parâmetros para o cumprimento do direito educacional, visando a criança e o adolescente hospitalizado, conceituando assim a classe hospitalar como: “Ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de Educação Especial e que estejam em tratamento hospitalar” (Brasil, 1994, p. 20).

Fonseca (1999), ressalta ainda sobre a Constituição Federal, de 1988, em seu artigo 205, que:

a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo pára o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Continua citando o Art. 206: “O ensino será com base nos seguintes princípios: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988).

A partir dessa lei toda e qualquer criança e jovem, dispõem do direito à educação seja na escola, seja na instituição hospitalar. A constituição surge com o intuito de assegurar que a criança não perca esse momento com a educação, seja por motivos pessoais, de doenças. Por isso, a pedagogia hospitalar surge para dar continuidade a aprendizagem da criança, que por motivos de algum problema de saúde, se encontra hospitalizada. Mas nem por isso, ela deve deixar de estudar, pois o profissional pedagogo está ali, para dar continuidade ao seu processo de aprendizagem.

Embora exista muitas leis que instituem as necessidades da criança e adolescente, a importância da educação, é visto que precisa ser passado para a sociedade em geral, um esclarecimento sobre esses direitos. Apesar da não concretização desses direitos, a Educação brasileira vem mostrando que estão sendo vivenciados esses progressos.

Cumpra às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que encontram-se impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (BRASIL, 2002, p.13).

Temos como foco principal da nossa sociedade, a educação. Com ela podemos nos desenvolver e crescermos como bons cidadãos. É posto ao educador a missão e o dever de transmitir conhecimentos a todos, inclusive àqueles que se encontram impossibilitados de ir à busca desses conhecimentos. Com isso a Pedagogia Hospitalar, vem buscando meios de levar conhecimentos para as crianças e jovens hospitalizados.

Mediante as necessidades de algumas crianças e jovens, a classe hospitalar promove o seguimento do processo educacional dos educandos, de forma a contribuir com a sua volta ao ambiente escolar. A Política Nacional de Educação Especial (1994) determinou a categoria hospitalar como um ambiente que permite o acolhimento educacional de crianças e jovens que se encontram internados, e que esses encontrem em tratamento hospitalar que necessitam de Educação (BRASIL, 1994, p. 20).

De acordo com Fonseca (1999, p. 07):

A educação em hospital é um direito de toda criança ou adolescente hospitalizado. Os resultados aqui apresentados demonstram que, na prática, nem todas as crianças estão tendo este direito respeitado ou atendido, uma vez que os dados evidenciam um número pequeno de hospitais com classes hospitalares. Faz-se necessário considerar seriamente esta questão, uma vez que a literatura aponta para o importante papel do professor junto ao desenvolvimento, às aprendizagens e ao resgate da saúde pela criança ou adolescente hospitalizado.

A pedagogia hospitalar busca fazer com que as crianças e jovens hospitalizados, possam usufruir de uma educação, tranquila enquanto se encontram em quadros clínicos, no entanto, essa torna-se uma missão que deve ser efetivada de forma coletiva, envolvendo pais, profissionais e família, onde ambas participem das atividades, isso irá contribuir na recuperação da criança. Com a hospitalização e internação das crianças e jovens, podem acarretar alguns outros problemas, dentre eles os psíquicos, como ansiedade, depressão, pensamentos negativos, etc., assim, é de fundamental importância tornar a permanência no hospital conexas a realidade em que ela vivia. Com base a pesquisa realizada por Fonseca (1999, p.117-118).

Como bem coloca as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p.50-52), são diversas as modalidades de educação especial, e dentre elas está a classe hospitalar, que se define:

[...] como sendo um serviço destinado a prover, mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial (BRASIL, 2001, p. 52).

A pedagogia por si só, é um âmbito educacional que trata com processos formativos e construção do conhecimento. O pedagogo é o profissional mais específico capaz de transmitir, e levar a educação fora do campo educacional. Visto que o ambiente hospitalar é um setor referencial em tratamentos e cura da saúde dos enfermos, e que nos remete a dor, sofrimento e, muitas das vezes, morte. Quando a criança fica internada por longos períodos, acaba havendo uma ruptura dessa criança com o seu cotidiano escolar, tornando-os menos produtivos, em se tratando da sua construção de sua própria aprendizagem.

A classe hospitalar surgiu tendo em vista a necessidade das crianças e adolescentes hospitalizados, dar continuidade a educação básica, fazendo com que o seu tempo de hospitalização não cause danos a sua formação escolar. No ambiente hospitalar, serão aplicados exercícios educacionais, conforme o quadro clínico, no qual a criança ou jovem encontra-se. Tendo em vista os problemas de saúde que solicita a hospitalização desse público, independentemente do tempo em que elas precisem ficar internas, por meio das políticas públicas e estudos acadêmicos, surgiu a necessidade do implante da Pedagogia Hospitalar.

A pedagogia hospitalar é uma metodologia educativa que promove desafios, aos profissionais e permite a construção e busca por novos conhecimentos e ações, que favoreçam a prevenção do fracasso escolar, daqueles que são afastados da escola por motivos de doença. É um campo da educação, que adequa a realidade da criança ou jovem hospitalizado, através de metodologias pedagógicas adequadas a seus quadros de saúde, onde provavelmente eles se sentirão estimulados, e facilitará em sua recuperação.

O curso de Pedagogia, enfrentou algumas alterações no seu preparo curricular, mudança essa ocorrida no início do século XXI. Oriundas dessas mudanças é a atuação do pedagogo em espaços não escolares, um desses espaços é o ambiente hospitalar.

A pedagogia hospitalar é uma metodologia educativa que promove desafios aos profissionais, permitindo, porém, a construção e busca por novos conhecimentos e ações, que favoreçam a prevenção do fracasso escolar, daqueles que são afastados da escola por motivos de doença. É um campo lindo da educação, que adequa a realidade da criança ou jovem hospitalizado, por meio de metodologias pedagógicas adequadas a seus quadros de saúde, onde provavelmente eles se sentirão estimulados, e facilitará na sua recuperação.

A pedagogia hospitalar amplia a atuação do pedagogo em outros campos, para além dos muros escolares. Instituições, ou setores que atendem este parecer cobram do profissional uma formação e um preparo especializado para atuar nesse campo hospitalar, favorecendo e promovendo ações que ocorra a integração hospitalar, mediante qual ambiente seja. Com tudo, faz-se necessário a qualidade de vida das crianças e adolescentes, assim como o bem-estar social de cada uma, por elas estarem em situações fragilizadas, que precisam de amparo de diferentes áreas, como enfermeiros e médicos. Tendo em vista os problemas de saúde que solicita a hospitalização desse público, independentemente do tempo em que elas precisem ficar internas, por meio das políticas públicas e estudos acadêmicos, surgiu a necessidade do implante da Pedagogia Hospitalar.

O intuito da Pedagogia Hospitalar é cultivar a junção da criança com espaço escolar, lugar de onde foi afastada por motivos de doença, por meio de atividades pedagógicas, lúdicas e recreativas, fazendo com que a criança ou adolescente hospitalizado possa continuar se desenvolvendo no processo escolar, e dando

continuidade aos estudos. Participar dessas atividades educativas dentro do espaço hospitalar, beneficia a saúde física, afetiva, emocional e mental das crianças.

Com isso, podemos enfatizar a grande importância da presença do pedagogo no ambiente hospitalar, pois ele tem a capacidade de desenvolver atividades além dos limites pedagógicos, pois, muitas das vezes, é o pedagogo que intercede, acalmando, para que a criança ou adolescente realize a medicação.

É preciso também, que o pedagogo possua uma relação harmoniosa com a família das crianças, pois, mesmo que ela tenha o direito de receber esse auxílio pedagógico hospitalar, se não houver o consentimento da família, a ação não acontece, com isso o paciente fica impossibilitado de receber esse acompanhamento.

Nas concepções de Porto (2008), é cabível ao pedagogo ofertar condições afetivas ao paciente que se encontra internado, pois carecem de apoio emocional, e propor a família dos internos um acolhimento. Com isso fará com que amenize a dor do paciente e preocupação dos familiares. Fontes (2008) diz que o quadro hospitalar da criança pode se agravar, devido o afastamento de suas rotinas diárias, deixando significativas cicatrizes em seu desenvolvimento social e psicológico.

O pedagogo hospitalar em sua atuação, através de múltiplas atividades promove a inclusão, e permanência do desenvolvimento da criança no processo educativo. Assim como alimenta algumas circunstâncias de desmotivação, estresse, que é causado devido a sua longa permanência do hospital. Com isso, é importante que sejam bem qualificados para atuarem de forma coesa Fonseca (1999), ressalta que é imprescindível a destreza, discernimento e flexibilidade desse profissional para a atuação de seu posto, pois:

Mesmo que o atendimento pedagógico em hospitais não requeira formação específica, essa atividade requer profissionais com destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, moveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança sob atendimento (FONSECA, 1999, p.127).

O educador que atuar no espaço hospitalar, precisa buscar por meios que aprofunde seus conhecimentos, assim como desenvolver informações referentes ao setor e espaço que está atuando, para que de forma sublime, atenda as expectativas dos familiares, das crianças e dos adolescentes. O pedagogo hospitalar precisa estar interligado a equipe de saúde, efetivando um trabalho multidisciplinar, buscando ter conhecimento do quadro clínico no qual o aluno se encontra, para poder desenvolver

as melhores metodologias para trabalhar com a criança ou adolescente de modo flexível, cumprindo as exigências curriculares, e sempre atento as condições de saúde.

A atuação pedagógica nos espaços hospitalares requer medidas de intervenção em que a escuta, o zelo e o cuidar da criança hospitalizada estejam sempre presentes. Pois nos espaços hospitalares, a humanização precisa dar o seu ponto inicial para motivar as crianças, fazer com que resgatem a sua autoestima.

Freire (1996, p.54) diz:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nós achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

A humanização no campo hospitalar, parte da busca pela autoestima das crianças e adolescentes, conhecendo e se vendo em um fato novo a sua vivência, e agregando valores a sua vida, sem deixar que a enfermidade possa tirar a sua vontade de estar bem.

Ao referir-se ao trabalho do pedagogo no campo hospitalar, relembramos que ele ocorre a partir de variações metodológicas, modificando e adequando atividades mediante o estado a qual a criança se encontra. Com isso, o trabalho pedagógico nos hospitais, permite não afastar as crianças e adolescentes do seu cotidiano, da vida normal que tinham fora daquele espaço.

A presença do pedagogo é indispensável, e possibilita novas chances nos vínculos sociais e afetivos postos naquele ambiente, fazendo com que o aspecto negativo de dor e sofrimento possa ser visto como um lugar humanizado, e visto essencialmente como um local que respeita cada indivíduo, e cada estágio de suas enfermidades.

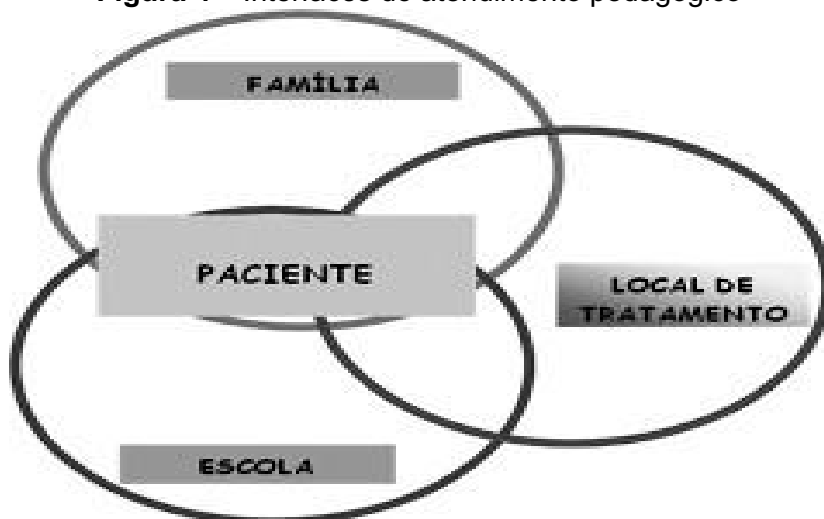
Assim como nas classes regulares o trabalho docente em ambiente hospitalar exige preparo profissional e afetivo em virtude dos diversos perfis, doenças e fragilidades que essas crianças e jovens possam apresentar. Por esta razão, muitos professores acabam por desistir de atuar com esse perfil de discentes, porque não se encontram preparados para lidar com um público tão heterogêneo (MATOS; MUGIATTI, 2018).

Para atuar em Classes Hospitalares, o professor deverá estar habilitado para trabalhar com diversidade humana e diferentes experiências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, decidindo e inserindo modificações e adaptações curriculares em um processo flexibilizado de ensino e aprendizagem (WOLF, 2017).

O trabalho do pedagogo reforça o caráter interativo da pedagogia hospitalar e contribui para dinamicidade do processo de ensino e aprendizagem nos hospitais. Ele deve estar interligado com os saberes na área de educação e saúde para que o sistema de reinserção do enfermo no mundo escolar estabeleça vínculos entre os profissionais de cada área, os familiares e os próprios pacientes (SILVEIRA, 2008).

Destaca-se, portanto, que a formação do professor para atuar neste espaço é de suma importância, pois o pedagogo será o mediador para restaurar os laços da criança ou adolescente internado com o cotidiano escolar, intervindo para que estes tenham uma melhor interação social, valorizando as suas aptidões, respeitando os limites clínicos de cada um (FREIRE, 2015).

Figura 4 – Interfaces do atendimento pedagógico



Fonte: Matos; Mugiatti, 2018.

O trabalho do professor no hospital é muito importante, pois atende as necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas das crianças e jovens. Ele precisa ter sensibilidade, compreensão, força de vontade, criatividade persistência e muita paciência se quiser atingir os seus objetivos. Assim o pedagogo contemporâneo deve ser um profissional capaz de desempenhar diversas funções, sendo um profissional

flexível no espaço escolar ou em campos alternativos, a exemplo do campo hospitalar (SILVEIRA, 2008).

O educador deve ter habilidades que o leve a reflexão de suas ações pedagógicas, para que possa oferecer uma orientação respeitando as particularidades e necessidades daquele paciente. O perfil pedagógico educacional do professor de uma classe hospitalar deve ser adequado a realidade hospitalar na qual atua, destacando as potencialidades de cada aluno. Motivando e incentivando a inclusão desta criança no contexto da classe escolar (RESCIA, 2019).

6. 2 CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO NO ÂMBITO HOSPITALAR

O presente assunto tem autores como: Batista Filho; Nascimento (2022), Matos; Mugiatti (2018), Teixeira (2014), Costa (2018), Silveira (2008) que dialogam a respeito das contribuições do pedagogo no âmbito hospitalar.

A atuação do pedagogo em conjunto com a família e a equipe médica é primordial nos casos em que durante a hospitalização o paciente apresentar ansiedade, depressão, solidão, busca de proteção e atrasos emocionais e cognitivos, principalmente em crianças (SILVEIRA, 2008).

Nesta perspectiva, torna-se oportuno citar Costa (2018) que estabelece entre os principais objetivos da pedagogia hospitalar: promover a integração entre a criança, a família, a escola e o hospital, amenizando os traumas da internação e contribuindo para a interação social (MATOS; MUGIATTI, 2018).

Para exemplificar a importância da relação entre educadores, médicos e família, alguns dos deveres do pedagogo em ambiente hospitalar são: promover a integração do corpo docente, elaborar, em conjunto com os professores e profissionais, o Plano de Ação Pedagógica a ser desenvolvido com os pacientes, além de manter contato com a família e com a escola de origem do educando sempre que possível, e de acordo com as normas da instituição em que trabalhe. Dessa forma, médicos, pedagogos e família, todos estão envolvidos e precisam estar interligados, trabalhando em conjunto, de forma harmoniosa e paciente em busca do sucesso do tratamento do paciente (BATISTA FILHO; NASCIMENTO, 2022).

Portanto, o trabalho pedagógico nas instituições hospitalares deve contribuir na orientação das ações desenvolvidas pela equipe de educadores, no estabelecimento

de parâmetros para as ações pedagógicas, na promoção de subsídios para o acompanhamento e avaliação pedagógica do educando. Deve, ainda, contemplar aspectos que possibilitem a articulação das relações entre as instituições escolar, hospitalar e familiar, conciliando o foco da atuação de cada uma destas instâncias no desenvolvimento do aluno, de modo que ele tenha garantida a garantia de seus direitos como cidadão que, ao retornar à sua escola de origem, possa prosseguir no seu processo de escolarização (TEIXEIRA, 2014).

6. 3 A FORMAÇÃO DOCENTE

O presente assunto conta com trabalhos dos autores como: Freire (1996), Fonseca (2022), Lopes (2001), Tardif (2002) Imbernon (2004), e demais autores, discutindo acerca da formação docente. Visando a formação docente, sua atuação e desafios encontrados na instituição escolar.

O professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem precisa compreender que ele deve se adaptar aos novos métodos educacionais Lopes (2001). A formação do educador requer sempre transformações, visando todo o contexto ao seu redor. Este profissional deve se colocar no lugar dos seus alunos. Buscar se adaptar a uma nova rotina, inovando, criando.

Ainda de acordo com Lopes (2001), ele ressalta que por muitos anos os professores se preocupavam apenas em estudar os métodos de ensino, investigavam e se baseavam em metodologias com o intuito de aprimorar o ensino. Ou seja, o professor de antes não tinha essa preocupação com o seu aluno, não buscava se adaptar de acordo com o ambiente em si. Fonseca (2003, p. 41) vem dizer que: o professor não deve estar fechado, mas deve ter a sensibilidade suficiente para perceber o que acontece na sala de aula, pois o que o aluno sugere pode ser a alavanca para uma aprendizagem mais efetiva e significativa.

Fonseca ainda ressalta que:

Se o professor dispõe de sala ambiente, ela deve ser constantemente organizada, a fim de que possa melhor suprir as demandas das crianças nela atendidas. Isto pode ser feito com base nas observações e registros de como as crianças exploram e utilizam os materiais nela existentes. O professor deve estar atento para a disposição do material e substituir aqueles pelos quais as crianças pareçam não se interessar muito, ou criar estratégias para que elas passem a explorar tais recursos. As próprias crianças podem auxiliar e ser orientadas quanto à manutenção da organização do espaço, o que não

impede de explorá-lo nem de manipular aquilo que seja interessante (FONSECA, 2003, p. 44).

O professor deve ser antes de tudo um observador, este profissional deve estar aberto ao diálogo com seus alunos. É dever do professor se colocar na posição do aluno. Pois, só assim ele conseguirá desenvolver, traçar estratégias, entendendo as particularidades de terminada criança. É necessário acrescentar que ser um profissional da educação envolvendo todos os contextos escolar, hospitalar não é tarefa fácil. Tardif (2002) chama a atenção para o trabalho docente que não é exclusivamente transformar um objeto ou situação em outra coisa, mas, é importante transformar a si mesmo no e pelo trabalho. De acordo com Freire (1996) ele afirma que:

O professor, assim como aluno, também é movido pela curiosidade. Ela é a mola propulsora do aprendizado e do ensino do educador, da construção e produção de conhecimento. Proporciona um diálogo entre o professor e o aluno, mas este diálogo não pode ser um simples vai-e-vem de perguntas, momentos reflexivos devem existir nesse diálogo. Como manifesto presente em experiências de vida de professores, a curiosidade do homem vem sendo, ao longo da história, socialmente construída e reconstruída (FREIRE, 1996, p. 168).

Freschi (2013) surge como o mesmo ponto de vista, ressaltando que:

O professor, dentro da sala de aula deve sempre primar por um bom relacionamento entre os alunos. As relações interpessoais passam por uma expressão de amor que deve estar baseada no equilíbrio e na compreensão, onde o papel do professor é atender seus alunos com manifestações de afeto sem abrir mão dos limites necessários para que se construa uma dinâmica de respeito a todos que interagem neste grupo (FRESCHI, 2013, p. 4).

Ambos os dois, Freire (1996) e Freschi (2013) ressaltam essa importância desse relacionamento que deve coexistir entre o professor e o aluno e virse e versa, e primordial esse contato, essa entrega de ambos, e uma troca de conhecimento, enriquecendo a construção da aprendizagem.

Imbernon (2004) chama bastante atenção para a formação inicial, onde ele ressalta que: A formação inicial deve proporcionar saberes científicos, pedagógicos e experiências, constituintes das “bases para a construção do conhecimento pedagógico especializado” (IMBERNON, 2004, p. 65). Ele dar ênfase a formação inicial, onde essa formação deve proporcionar todos os contextos que o profissional deve saber e desenvolver futuramente na prática. Firmando esse posicionamento

Garcia (1999, p. 54) destaca que a formação de professores deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente.

Nessa direção o professor deve refletir sobre todo contexto em que ele está inserido buscando métodos que desenvolvam o processo de ensino-aprendizagem. O professor como mediador na construção de conhecimentos deve oferecer uma educação de qualidade que desperte no educando, o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo como também suas capacidades e novas habilidades. A formação docente deve oferecer reflexões e métodos como meio facilitador que possibilitem ao professor desenvolver sua prática de forma prazerosa e eficiente, só assim o professor pode assumir uma nova postura metodológica que resulte num trabalho pedagógico de qualidade.

De acordo com Pimenta (2006, p.105):

O exercício da atividade docente requer preparo. Preparo que não se esgota nos cursos de formação, mas para o qual o curso pode ter uma contribuição específica enquanto conhecimento sistemático da realidade do ensino-aprendizagem na sociedade historicamente situada, enquanto possibilidade de antever a realidade [...] enquanto identificação e criação das condições técnico-instrumentais propiciadoras da efetivação da realidade que se quer.

A formação docente permite que o professor relacione sua teoria e prática, pois, é através do conhecimento e da ação do professor que ele transforma sua realidade e a realidade dos alunos. A formação possibilita ao docente desenvolver novas posturas diante da realidade em sala de aula, construindo novos caminhos que o levarão a desenvolver metodologias capazes de favorecer um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Nessa condição o professor deve contribuir para que o aluno desenvolva sua aprendizagem através das práticas cotidianas. Assim, o aluno aprende a pensar a partir dos conhecimentos reais, fazendo com que o aluno aprenda a aprender, e ao aprender fazendo, ou seja, na prática. Também é importante destacar o papel que o professor desempenha do ponto de vista da promoção de reflexões que verdadeiramente leve o aluno a pensar e tomar decisões.

O professor deve receber formação que lhe permita lidar com situações imprevisíveis que, muitas vezes, não estão no plano de aula, mas sim nas atividades

que acontecem no cotidiano da sala de aula. Ter bom senso na hora de tomar decisões imprevistas.

O educador também precisa ser crítico construtivo e formar cidadão que seja capaz de transformar a realidade em que está inserido, superando os desafios impostos pela sociedade capitalista. Sociedade desigual e competitiva onde imperam as leis do mercado.

O trabalho do professor precisa ser eficaz para que desperte o interesse do aluno, isto é, a prática pedagógica deve fazer com que tanto o aluno como o professor reflitam em sala de aula, de forma autônoma e criativa, tendo em vista a superação das dificuldades e diferenças existentes em sala de aula.

Pensar acerca das necessidades dos alunos é o ponto de partida, que o professor deve estar atento, para que haja aprendizagem de qualidade e de maneira satisfatória. Desta forma, o professor precisa refletir sobre a sua prática, buscando contato direto com o aluno, reelaborando e definindo os seus conhecimentos, e com isso propor um novo significado ao aprendizado escolar e sua aplicabilidade à vida cotidiana. Nesse processo de reestruturação deve buscar sempre melhorar a prática pedagógica quer é seu maior aliado para seu desempenho escolar.

Percebe-se que o desenvolvimento do professor como elemento em destaque que tem como fortalecimento vários eixos de amplitude a saber: a formação acadêmica, a estrutura das atividades diárias que vivenciam e a relação social em que atua e está inserido por meio da interação aluno e professor. O cenário da educação brasileira congrega contradições, crises expectativas e valores presentes no contexto sociopolítico-econômico.

Segundo Esteve (1992) a educação tem sido considerada como meio desacreditado perante a sociedade, dessa maneira o processo de construção e formação do ser professor, e em seu exercício diário fica sem o espaço necessário para as devidas reflexões. Os saberes docentes configuram-se num rol de conhecimentos e habilidades com profissionalismo exercido na arte do docente, que se relaciona com a ideologia de que o professor precisar, nos caminhos oferecidos, sua ação determinante nas funções que lhe são estabelecidas, desencadeando habilidades no ato de ensinar algo e promover o conhecimento muito.

Freire (1996) entende que a formação deve ser tanto para o trabalho como para a vida, a capacidade e constantes desafios apontam para a participação ativa na vida política da sociedade. Pensa a formação do sujeito em sua amplitude, sua autonomia

e sua capacidade de decidir e modificar suas escolhas para que aja saber. É importante salientar o quanto o diálogo contribui na prática do professor, nesse momento falar sobre as suas dificuldades perante o seu exercício e encontrar embasamentos teóricos que nortearam a sua prática.

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1996, p.43).

Existe uma necessidade de conhecer e aprimorar a prática do professor em sala de aula. Isso porque também a formação docente pode, evidentemente, interferir ou contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Por mais que já se tenha discutido esse assunto a necessidade de se trabalhar essa temática é notória, pois, o que se percebe, desde muito tempo na realidade educacional, é que a maioria dos professores formados não são capazes de refletir sobre a sua prática pedagógica, ficando muitas vezes, no processo repetitivo e incapaz de promover uma aprendizagem de forma eficaz.

Nas muitas vezes, tornar-se professor nada mais é um processo de aprendizado diário que engrandece o docente de várias fases curriculares, e aprimorarão sua didática estabelecida ao longo de suas experiências em sala de aula com seus alunos, que estabeleceram valores educacionais que o docente levará no decorrer de sua vida profissional.

Podemos verificar na sala de aula um professor desenvolvendo o ensino de maneira fragmentada, não se propondo a relação entre o conhecimento e o aluno, e o seu fazer torna-se algo desprovido de teoria, um saber distante da reflexão e da crítica, um fazer sem questionamento, sem problemáticas e sem contextualização do saber. O que realmente acontece é o desenvolvimento do saber ativo e rápido, o cumprir tarefas, de forma meramente mecânica, sem se efetivar a aprendizagem que tenha significado para o aluno a desenvoltura em outras situações de sua vida. Esta vertente educacional traz preocupação constante àqueles que se dedicam sobre a formação docente e o processo educativo.

Assim, é possível destacar que se torna essencial haver uma mudança de perspectiva, de modo que haja a valorização dos saberes do professor, não com o

propósito de justificar as práticas que se efetivam, mas de proporcionar um crescimento do conhecimento no sentido de o próprio professor não se destituir da condição de sujeito e, não se destituindo de sua subjetividade, investir com o propósito de transformar-se e transformar o seu saber-fazer.

Tardif (2000, p.227) situa a questão do saber docente, afirmando que “Historicamente, essa questão está ligada à questão da profissionalização do ensino e aos esforços feitos pelos pesquisadores no sentido de definir a natureza dos conhecimentos profissionais que servem de base ao magistério.”

No desenvolvimento das pesquisas, no que diz respeito à subjetividade dos professores, os docentes de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. Assim, eles são considerados, a partir do reconhecimento de que são os “principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares” (TARDIF, 2000, p. 227).

Nessa direção, à preparação didática da formação que prepara o professor para a compreensão destes e de outros desafios encontrados no contexto escolar e para a adoção de ações assertivas que demandam os objetivos educacionais traz em seu conceito a concepção de continuidade, no sentido de não estabelecer vínculos apenas nos momentos de processo formativo estrutural do ser docente, mas de ser permanente, persistente, ativa, cuidadosa, garantindo, por meio da pensamento muito pequeno em suas dimensões, as junções entre a formação teórica e as experiências por eles vividas.

No entanto, em muitos casos, as práticas institucionais de formação continuada dos professores trazem resultados muito baixos e colocado através por lacunas, o que leva a inferir que não proporcionam meios que atendam, de fato, às solicitações na formação do professor. Sobretudo, a formação continuada deve habilitar o professor a nortear sua prática em direção ao ponto comum ao conhecimento em constante construção e a elaboração de novas maneiras de visando influir nesta relação, já que os acontecimentos do ensino são incertas, variáveis e complexas, sem resposta única e conclusiva aos conflitos e problemas ali encontrados.

6. 4 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR

O presente assunto traz à discussão autores como: Gil e Morais (2002), Wolf (2017), Santo

(2012), Paula (2003), Freire (2015), Frisson (2004), Sarlet (2015) e demais autores, dialogando a respeito da formação do pedagogo hospitalar.

Iniciando esse presente tópico sobre a concepção de Esteves, ele vem dizer que o profissional para atuar nesta área deverá ser capaz de elaborar projetos que integrem aprendizagem de uma maneira diferenciada para cada criança hospitalizada, padrões estes que fogem da educação formal. Em conformidade, Gil e Moraes (2002) destacam que o pedagogo hospitalar: é o profissional que busca garantir à criança o equilíbrio emocional e intelectual através da ludicidade, facilitando que essa criança encontre mecanismos para ajudá-la a enfrentar suas angústias e medos”.

Firmando esse posicionamento de ambos os autores citado anteriormente Santo e Navarro (2012) afirmam que:

O pedagogo deve estar apto para desenvolver seu trabalho, a realização de projetos e pesquisas que possam favorecer desenvolvimento em seu conhecimento e na complementação pedagógica qualificando seu trabalho, pois o professor deve ser mais que um professor. Deve ser um cientista, psicólogo e médico. Portanto, o pedagogo hospitalar tende a oferecer a criança hospitalizada a valorização de seus direitos à educação e à saúde, possibilitando um espaço na sociedade e na formação de um futuro cidadão (SANTO; NAVARRO, 2012, p. 12).

Percebemos, pois, que os autores, lançam um olhar mais aprofundado, visando todo o contexto da criança hospitalizada. Destacando fatores essenciais na construção da formação deste profissional pedagogo. Na concepção de Paula (2003)

O pedagogo hospitalar não requer somente a formação acadêmica, mas habilidades específicas de uma práxis pedagógica complexa que envolve diferentes aspectos no trabalho cotidiano como: sensibilidade para atuar com crianças, adolescentes e famílias fragilizadas, para lidar com diferentes grupos de alunos, pais e com equipes multidisciplinares, capacidade de colaboração e estratégias didáticas para atender alunos provenientes de diversas regiões e com diferentes conteúdos escolares, abertura para o outro, independente de sua condição física, econômica e social, respeito às diferenças de etnia, raça e religião, dentre vários outros aspectos que envolvem o fazer pedagógico nessas instituições (PAULA, 2003, p. 32-33).

Seguindo esse contexto, o pedagogo que trabalha no hospital precisa ter destreza e discernimento para atuar com os planos e programas abertos, móveis, mutantes e constantemente reorientados pelas situações especiais e individuais de cada paciente sob seu atendimento. Fazendo um elo entre a realidade hospitalar e a vida cotidiana da criança e do adolescente hospitalizados, avaliando, acompanhando

e intervindo no processo de aprendizagem, permitindo que cada aluno/paciente caminhe no seu ritmo.

Ressalta-se ainda que ele deve ter clareza e noção de perda, dos conflitos sociais, as questões socioeconômicas e culturais de seu universo e, acima de tudo precisa manter o equilíbrio psicológico frente às diversas circunstâncias dos tratamentos. Visando todas essas ponderações Paula (2003) destaca:

Convencionalmente em nossa sociedade. O lugar do professor esteve voltado para a escola formal. Em tempos modernos, esses lugares estão sendo cada vez mais polarizados. Não existem mais fronteiras para a ação do professor. O hospital, conhecido convencionalmente como lugar das seringas, injeções e do sofrimento, passa a ser também espaço do lápis, do caderno, das tintas, dos jogos, do colorido, da alegria e da produção infanto-juvenil (PAULA, 2003, p. 18).

Com a Segunda Guerra Mundial, logo após o seu término, foi criada a Pedagogia Hospitalar na França, durante o Século XX. Henri Sellier criou a classe hospitalar e o pedagogo pode atuar dentro do hospital (FREIRE, 2015).

A pedagogia hospitalar veio para o Brasil na década de 1960, no sul do país, com o objetivo de apoiar o processo da criança internada. Atualmente há novos objetivos com as mudanças das leis. Além desse que já existe, há o de usar o lúdico para desviar o foco da doença. A criança no momento de atendimento, deixa de se preocupar com a doença e passa a melhorar a sua autoestima (MATOS; MUGIATTI, 2018).

A importância do pedagogo hospitalar é dar o suporte psicológico à família da criança e para a criança e/ou adolescente. Uma vez em que estão internados, encontram-se numa situação totalmente diferente daqueles que estão habituados. Podendo estar apreensivos, nervosos, ansiosos, com medo (WOLF, 2017).

A pedagogia hospitalar encontra as suas bases legais, quando o Art. 205 da Constituição Federal diz que, a educação é direito de todos, e dever do estado e da família. Será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo ao exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (RESCIA, 2019).

Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1995, trouxe assegurado em seu texto o direito da criança e do adolescente de estudar em qualquer situação. Não sendo suficiente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu Art. 4º A, diz que é assegurado o atendimento educacional durante o período de

internação ao aluno da educação básica internado, para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Conforme dispuser o poder público em seu regulamento na esfera de sua competência federativa (SARLET, 2015).

Quando a criança fica abstraída da escola por um determinado tempo, ela recebe o atendimento de acordo com a escolarização que está cursando. Por exemplo, uma criança que está no 2º ano de escolaridade, e no 8º dia de internação, não vai ser tratada apenas como criança, mas também como aluna. Recebendo as atividades pedagógicas referente ao 2º ano de escolaridade, o qual está cursando (MATOS; MUGIATTI, 2018).

Os atendimentos das crianças e adolescentes podem acontecer de maneira individual ou em salas hospitalares, onde o atendimento é feito em grupos. Mas, isso depende da organização do espaço, do local onde a criança se encontra (COSTA, 2018).

Assim, a pedagogia hospitalar possibilita as crianças e adolescentes hospitalizados, o acompanhamento pedagógico e educacional (WOLF, 2017).

A pedagogia é uma área de estudo, considerada como a ciência da aprendizagem e do ensino, tem como foco principal, o estudo da educação como um todo. O pedagogo é visto como um profissional que atua somente nos espaços escolares, mas essa visão está muito limitada, ele pode atuar em diversas áreas e estabelecimentos, sendo eles públicos ou privados.

Diante de muitos anos de expectativa, sendo pressionado pela comunidade acadêmica, o Conselho Nacional de Educação, no dia 17 de março de 2005, anunciou uma nota para análise da corporação civil, sob a Resolução das Diretrizes Curriculares Nacionais, para os cursos de graduação em Pedagogia. Contudo, a proposta foi recusada pelos acadêmicos, pois lançavam diretrizes que se identificavam como Curso Normal Superior. Em 13 de dezembro de 2005, foi aceito em uma reunião do Conselho Nacional de Educação, um novo parecer elaborado pelo CNE, destinado ao curso de pedagogia. Com isso ocorreu o acréscimo formativo do pedagogo, indicando de forma geral, que a formação no curso de Pedagogia, é ampla, em relação ao curso normal superior:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de

Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares; - produção e difusão do conhecimento científico tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não escolares (BRASIL, 2005, p.7-8).

Profissionalmente falando, ao graduar-se no campo da pedagogia, o acadêmico é ciente que pode atuar em diversos campos, tantos formais quanto não formais, tendo sempre em foco a aprendizagem do sujeito. Desfazendo o olhar centrado no contexto escolar, que a sociedade tornou como visão cultural. Mediante aos acontecimentos e mudanças decorrentes mundialmente, houve a necessidade de modificar os conceitos prévios sobre educação, que não é algo remetido somente a escola, como bem enfatiza Frisson (2004, p.88):

Na escola, na sociedade, na empresa, em espaços formais ou não formais, escolares ou não escolares, estamos constantemente aprendendo e ensinando. Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades.

Com referência na fala do autor, é visto que a educação não se limita apenas a espaços escolares, desfazendo o pensamento de que a educação acontece exclusivamente na escola. Destacando sempre a grande importância do papel do pedagogo, para mediar no processo de ensino-aprendizagens dos indivíduos, seja ele no ambiente escolar ou não. O pedagogo possui competências e habilidades que favorecem no processo de formação do ser humano. Como forma de descentralizar o olhar e pensamento que tinham sobre a educação ser exclusivamente no setor escolar, a atuação do pedagogo nos diversos espaços é asseverado através de lei, que se encontra no artigo 5º, inciso IV da resolução CNE/CP nº1 de 15 de maio de 2006, onde apresenta a grade curricular do curso de pedagogia, atuante em diversos espaços, onde diz que:

O egresso do curso de pedagogia deverá estar apto a: trabalhar em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo (BRASIL, 2006 p.2).

Desse modo, o profissional graduado no curso de Pedagogia, pode atuar dentro do campo educacional na rede pública ou setor privado, assim como assumir cargos de coordenador pedagógico, diretor escolar, supervisor, etc. E fora do espaço escolar, ele tem a capacidade e pode exercer sua função trabalhando com formações, em diversos setores desde públicos ou privados, assim como em empresas, instituições religiosas, hospitais, clínicas, etc. Embora dentro esses outros espaços, o pedagogo ainda não é procurado de forma tão frequente, mas a importância de se ter um pedagogo nesses espaços, está se expandindo por perceber que a sua atuação vai além do setor pedagógico.

Quanto as ações administrativas dos espaços escolares, como, nortear e de supervisionar, são atos que acompanham a sociedade desde os seus primórdios, com tudo, através da concretização do capitalismo urbano-industrial que desempenharam melhorias quanto definições e elaborações, mediante as Teorias de administração Empresarial, os princípios que regem circunda em prol da produtividade, eficácia, eficiência e do domínio, que por meio da burocracia buscam objetivar e a garantir a organização empresarial. No campo escolar, essa burocracia também está vinculada, pois efetiva-se o momento onde o setor administrativo utiliza-se por meio do setor pedagógico, que é de grande valia no âmbito educacional, que caracteriza a reprodução do sistema social na efetivação escolar.

No âmbito educacional, as divisões também são estabelecidas e fragmentadas sob as funções do trabalho pedagógico, assim como dos conhecedores técnicos em Educação, fica evidente que são adentrados no processo educacional, como objetivo de reproduzir as ligações sociais sustentadas pela sociedade capitalista, ou seja, como força maior, pensar sobre pontos que envolvem o âmbito educacional, tecendo princípios oriundos da Administração Empresarial. Refletir sobre essa divisão do trabalho pedagógico na ocorrência atual, é rever com atenção a função em que os Especialistas em Educação possuem, falando-se em busca por novas possibilidades de superar esses desafios entre a teoria e a prática. Ao enfatizar a importância de promover uma articulação mais elaborada, para os profissionais da educação, que pautem num pensamento ligado a reflexão da construção do saber, e sua aplicabilidade na prática social, resgatando a produção de conhecimento das diversas funções.

6.5 O AMBIENTE HOSPITALAR

O hospital é um espaço de reabilitação da saúde e também educativo e a união entre educar na perspectiva do aprender e brincar atende às necessidades da criança de forma completa, garantindo seu direito também no hospital. Silva; Andrade (2013, p. 95). A educação está sempre presente em todos os momentos de nossas vidas, até mesmo naqueles mais tensos e difíceis. Ceccim (1997) vem afirmando:

É possível aprender dentro do hospital; embora as crianças estejam doentes, continuam crescendo. Acreditamos ser, também nossa, a tarefa de afirmar a vida, e sua melhor qualidade, junto com essas crianças, ajudando-as a reagir, interagindo para que o mundo de fora continue dentro do hospital e as acolha com um projeto de saúde (CECCIM, 1997, p. 80).

Seguindo este contexto Matos; Mugiati (2006) destaca que todo o contexto envolvendo a criança enferma, de alguma forma gera uma integração e participação ativa que propicia entusiasmo, e pelo efeito da continuidade da realidade extrema, contribui, ainda que de forma subconsciente, para o desencadeamento da vontade premente de necessidade de cura, ou seja, nasce uma predisposição que facilita sua cura e abrevia o seu retorno ao meio a que estava integrado.

E visto que os presentes autores destacam a importância do hospital, mais precisamente, sua função quando se trata da educação da criança.

Porém, Fontes (2008) vem em contraposição ressaltando que:

A hospitalização distancia a criança de suas atividades cotidianas, podendo contribuir para seu maior adoecimento. Enquanto ser humano em contínuo processo de desenvolvimento, este fator pode prejudicar a criança na construção de sua subjetividade. A própria doença debilita e causa sofrimento ao impedir a criança de se movimentar e desempenhar as tarefas diárias, afetando sua auto-estima. Isso pode fazer com que a criança se entregue aos sintomas da enfermidade, alimentando seu sentimento de impotência diante da dor, o que dificulta sua recuperação (FONTES, 2008, p. 73).

Podemos analisar que ambos os autores discutem acerca do âmbito hospitalar, discordando um do outro. Enriquecendo nosso diálogo, apresentando fatores positivos e negativos dentro da instituição hospitalar. Silva; Andrade (2013) chama a atenção para o brincar no âmbito hospitalar, ressaltando que

O brincar no hospital passa a ser uma forma de garantir que a criança hospitalizada tenha seu direito concretizado, uma vez que se encontra num espaço diferente do vivido cotidianamente e tem uma parte de sua vida

interrompida, como a escolarização, as amizades, o lar, seus brinquedos, etc. Contribuirá para que a criança continue a desenvolver-se plenamente, concluindo as etapas da sua vida sem nenhum prejuízo (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 29).

Seguindo esse mesmo contexto Behrens (2010) salienta:

O brincar é atividade séria ao equilíbrio emocional e social do ser humano em todas as idades. Além disso, a brincadeira auxilia na recuperação da saúde física e intervém no desenvolvimento intelectual. As brincadeiras que envolvem jogos, danças e outras atividades lúdicas permitem que as crianças e os adolescentes se socializem e projetem suas representações, suas angústias, suas alegrias, suas preferências. Podem, inclusive, auxiliar na composição do diagnóstico do quadro clínico em geral (BEHRENS, 2010, p. 16).

Ambos os autores ressaltam a importância da ludicidade no âmbito hospitalar, pois, o brincar é uma forma de garantir uma recuperação saudável da criança enferma. Behrens ainda vai além, corroborando que:

Os momentos que os alunos hospitalizados estão brincando podem servir de alívio do stress e da angústia de ficar impedido de conviver nas suas casas e com seus familiares. A própria brincadeira possibilita a aproximação de crianças que estavam nos leitos sem conversar e sem ter contato com outras crianças. [...] Outra conexão necessária neste processo é a integração com a professora da escola da comunidade dos alunos que estão internados. Esse processo pode ser difícil, mas o educador precisa pensar que este aluno, vai se recuperar e que vai voltar para aquele ambiente educativo (BEHRENS, 2010, p. 17).

O pedagogo hospitalar em sua atuação, através de múltiplas atividades promove a inclusão, e permanência do desenvolvimento da criança, no processo educativo. Assim como minimiza algumas circunstâncias de desmotivação, estresse, que é causado devido a sua longa permanência do hospital. Com isso, é importante que sejam bem qualificados para atuarem de forma coesa. Fonseca (1999), resalta que é imprescindível a destreza, discernimento e flexibilidade desse profissional para a atuação de seu posto, pois:

Mesmo que o atendimento pedagógico em hospitais não requeira formação específica, essa atividade requer profissionais com destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, moveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança sob atendimento (FONSECA, 1999, p.127).

O educador que atuar no espaço hospitalar, precisa buscar por meios que aprofunde seus conhecimentos, assim como desenvolver informações referentes ao setor e espaço que está atuando, para que de forma sublimada, atenda as expectativas dos familiares, crianças e adolescentes. O pedagogo hospitalar precisa estar interligado a equipe de saúde, efetivando um trabalho multidisciplinar, buscando ter conhecimento do quadro clínico ao qual o aluno se encontra, para que possa desenvolver as melhores metodologias para trabalhar com a criança ou adolescente de modo flexível, cumprindo as exigências curriculares, e sempre atento as condições de saúde.

A atuação pedagógica nos espaços hospitalares requer medidas de intervenção que em que a escuta, o zelo e o cuidar da criança hospitalizada estejam sempre presentes. Pois nos espaços hospitalares, a humanização precisa dar seu ponto inicial para motivar as crianças, fazer com que resgatem sua autoestima

A humanização no campo hospitalar, parte da busca pela autoestima das crianças e adolescentes, conhecendo e se vendo em um fato novo a sua vivência, e agregando valores a sua vida, sem deixar que a enfermidade possa tirar a sua vontade de estar bem.

Ao referir-se ao trabalho do pedagogo no campo hospitalar, é reprimir que ocorre a partir de variações metodológicas, modificando e adequando atividades mediante o estado em que criança se encontra. Com isso, o trabalho pedagógico nos hospitais, permite não afastar as crianças e adolescentes do seu cotidiano, da vida normal que tinham fora daquele espaço.

A presença do pedagogo é indispensável, e possibilita novas chances nos vínculos sociais e afetivos postas naquele ambiente, fazendo com que o aspecto negativo de dor e sofrimento, possa ser visto como um lugar humanizado, que todos que ali estão, garantam seus direitos, visto essencialmente como um local que respeita cada indivíduo, e cada estágio de suas enfermidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho, buscamos retratar o contexto histórico da Pedagogia Hospitalar, solidificando a importância desses profissionais no campo da saúde, e favorecendo o desenvolvimento da criança hospitalizada, oferecendo a elas a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos, mesmos estando em leitos de hospitais. Foi através da pedagogia hospitalar, que crianças e pais puderam se reanimar, diante de um cenário de dor e sofrimento. Enfim, buscamos através deste estudo fazer com que os esforços cultivados possam se concretizar firmemente na sociedade, contemplando a riqueza do pedagogo na vida e no desenvolvimento da criança enferma, contribuindo de modo educacional e nos processos de construção social.

Entende-se Pedagogia Hospitalar como um ramo da Pedagogia cujo objetivo de estudo e dedicação é a criança hospitalizada. Sendo assim o profissional que atua nesta área tem sua práxis pedagógica voltada a intervenção superadora da realidade e comprometida com os anseios de uma sociedade mais justa e humana.

Estes profissionais se dispõem em ajudar a criança enferma, para que possam enfrentar a situação de fragilidade que estão vivendo através da interação com o lúdico, o que torna o ambiente hospitalar um espaço mais agradável e acolhedor, possibilitando assim aos alunos pacientes atuarem como protagonistas de suas histórias, onde as ações do pedagogo devem ser em função do sujeito ativo, transformador, construtor de significados, capaz de usar a sua saúde, as suas habilidades e competências, para reagir à doença e às limitações que ela traz.

O educador que participa da prática educativa no ambiente hospitalar tem um importante papel na sociedade, pois mediante ações pedagógicas é um agente de mudanças, numa visão de formação crítica e cidadã de todos os envolvidos. É preciso ter clareza que a finalidade da ação educativa no âmbito hospitalar é própria de saberes de uma profissão específica, não se opondo e nem se confundindo com a ação e a finalidade em relação ao profissional da saúde.

Com a pesquisa, foi possível aprimorar os conhecimentos em relação aos campos de atuação do pedagogo, e é nitido o quão importante é a figura do profissional pedagogo na instituição hospitalar. É visto ainda que nos dias atuais há um grande desafio por parte dos professores em se adaptar a este novo ambiente de trabalho. A ausência por profissionais capacitados para atuar na pedagogia hospitalar,

foi o ponto de partida para desencadear nos educadores a inovarem, priorizando a formação dos professores para atuarem em espaços escolares e não-escolares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995.
- BRASIL. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Brasília, DF: MEC /SEESP, 2002.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEEP. 2002. 35p.
- ESTEVES, Cláudia R. Pedagogia hospitalar: um breve histórico. Publicado em, 2008. Disponível em: <<http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/pedagogia>>
- FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. São Paulo: Memnon, 2003.
- FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.
- FONTES, Rejane, de Souza. Da Classe à Pedagogia Hospitalar: a educação para além da escolarização. Revista Linhas, Florianópolis, v. 9, n.1, Jan-jun. 2008. p. 72-79.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto, 1999.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: forma-se para a mudança e a incerteza. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- JESUS, Viviane Bonetti Gonçalves. A atuação do pedagogo em hospitais. In MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 6 Ed. São Paulo: Cortez, 2002
- LINDQUIST, Y. **A criança no hospital**: a terapia pelo brinquedo. São Paulo: Scritta, 1993.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MORAES, R. GALLIAZZI, M.C. *Análise Textual Discursiva*. 2. ed. ren. Editora Unijuí, coleção Educação em Ciências, 224 p. 2013.

PAULA, E.M.A.T. **Educação, diversidade e esperança: A práxis pedagógica no contexto da escolar hospitalar**. 2003. Tese (Doutora em Educação). UFBA, Salvador, 2003.

SILVA, Neilton da; ANDRADE, Elane Silva de. *Pedagogia hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docente e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. *Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas: a formação alternativa re-socializadora*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. *Pedagogia hospitalar: a prática do pedagogo em instituição não-escolar*. Revista Conexão UEPG. Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 47-51, 2007. Disponível em: Acesso em: 07 fev. 2017